



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## PROPOSTA DE UM ESTUDO PLURIDISCIPLINAR SOBRE TRÊS “LITERATURAS” EM CONFLITO<sup>1</sup>

**Sébastien JOACHIM**

Universidade Federal de Pernambuco  
UFPE

**RESUMO** - *O século XX, sobretudo na sua segunda metade, proclamou reiteradamente a morte da História e da arte. Na sua Dialética Negativa(1966-1973), Theodor Adorno levantou a questão da impossibilidade ou / da possibilidade de produzir arte após Auschwitz; Albert Léonard (1974) estabeleceu o dossier da crise do conceito de literatura na França, ao passo que a portuguesa Silvina Rodrigues Lopes (1995) elaborou uma copiosa tese sobre a crise de legitimação das teorias e das interpretações em literatura. O espaço público onde se confrontam os apreciadores de obra de circulação restrita e os consumidores de textos de grande difusão, testemunha a sua maneira da mesma crise. Uns denunciam a perversão e a manipulação do gosto e acusam a mídia; outros lançam anátemas, inaudíveis à maioria. A universidade, em sua ala mais dogmática, guarda um silêncio prudente. Mas, o mal estar persiste. Existem, de um lado, os reprovados que fazem sucesso, e do outro lado, os bem-amados de sucesso mitigado. Confrontam-se os valores canônicos e as inqualificáveis novas emergências. Tal é o fenômeno emblematizado por Ariano Suassuna e Paulo Coelho. Propomos diagnosticá-lo pluridisciplinarmente, sempre considerando a superação da oposição “Highbrow / lowbrow culture”.*

**Palavras-chave:** Actante receptor; audiência; actante emissor; bestseller; campo literário; comunicação; contexto sócio-cultural; contexto sócio-político; crise dos valores; cultura erudita; cultura mediática; cultura popular; différences- à réception (Molinié); discurso social; distância crítica; direitos humanos; elite; espaço público pós-moderno; horizonte de espera; identidade; imaginário; indústria cultural; legitimação; laço social; literariedade; literatura nacional; massa/multidão; mídias; mundialização; morte da arte; mutações culturais; mitos; fenômeno de crise; oralitura; recepção; reconhecimento; sagrado; sócio-poética; teleliteracy (Bianculli); valores emergentes; transtextualidade;

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no I Colóquio Interamericano de Ciências da Comunicação: Brasil - Canada, evento componente do XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



## **Definição do assunto**

1. Entendemos por “instituição literária” tudo que serve de quadro de existência e de funcionamento no campo da produção e da recepção de textos presumidos artísticos: rituais de valorização, trajetória de agentes-escritores, promoção e consagração, mediações tal os circuitos de difusão e manutenção da aura, estratégias de preservação, de suporte da tradição, de atestação do capital simbólico; processos de assimilação, de rejeição ou de exclusão, aparelhos de poder (Academias, Críticos reconhecidos, Escolas, Diretrizes Ministeriais, programas impostos, etc.)

## **2. Entendemos por “Outras Práticas”**

1º) Os produtos “sui generis” da TV e do Rádio (telenovela, videoclipe, dramas concebidos para a telinha, entrevistas e mesas redondas sobre temas pré-escolhidos, talk-shows, programa e filmes de animação, mini-sketches e *gags*, aulas simuladas, reportagens adaptadas de obras literárias “clássicas”, ou toda forma de embalagem de produtos vindos da instituição literária ou artística, representações ou manifestações populares tais como o Carnaval, entrega de “Oscars” acompanhada de elogios, etc.).

2º) Os produtos de comunicação de massa, jornais ou revistas-página policial, crônica, editorial, crítica semanal, historia breve-BD/quadrinhos, “charges”, outrora folhetins; comentários ou previsões sobre as minisséries ou telenovela, etc.

3º) A Literatura dita popular quer por seu conteúdo, presumido não problemático, e de pura diversão, quer pela sua grande circulação (os *Bestsellers* mesmo saindo da pena de Autores “clássicos” da Instituição hegemônica).

Abrimos um parêntese sobre esse vasto segmento da literatura popular arraigada na oralidade e (que os Antilhanos batizam de “*oraliture*”); os cordéis (mesmo quando transcritos), os contos, a canção popular (com ou sem o aparato dos festivais e das grandes multidões), os gêneros de discurso parcialmente inventariados por T. Todorov em Os Gêneros do Discurso (adivinhas, cantigas de roda, etc).



Outro parêntese: é a respeito das relações muito tensas entre a cultura *mass-midiática* e a literatura das elites. A atitude desta para com a primeira é de desdém e de recusa. Neste particular, teóricos com veleidades democráticas como Umberto Eco e Pierre Bourdieu deixam seus leitores assaz perplexos. Os mais seguros defensores vêm habitualmente da nova onda dos estudiosos da “pós-colonialidade” – Homi K. Bhabha, Henry Louis Gates Jr. – ou de alguns franco-atiradores declaradamente contestadores das noções de literariedade, da tradição hermenêutica (p.ex. Hans Ulrich Gumbrecht, 1998), ou ainda dos grupos de pressão, que protestam, em nome dos Direitos Humanos, contra a fatia leonina adjudicada à Literatura com grande L, a literatura de pretensão universalista, a única investida autorizada a representar o país aos olhos da nação e do Estrangeiro; e de divulgar uma “experiência nacional”. Mas, como se adivinha, trata-se de um “nacional por subtração”.

#### 4º) O Conflito

Essas formas culturais não se desenvolvem quase nunca abrigadas de toda influência externa. Estão em “interface” quase permanente. Regras de segregação são porém veementemente proclamadas pelos guardiões da instituição Literária ou de “Grande Literatura”, mesmo quando seus mais ilustres e mais autênticos representantes, de Balzac ao brasileiro Guimarães Rosa e além, de Rimbaud ao quebequense Gaston Miron ou Manuel Bandeira e além, alimentam alegremente sua “inspiração” nas fontes populares (orais). Aqueles que cuidam do princípio de legitimidade insistem apesar de tudo em distanciar o sublime “Literário” de um mimetismo popular eivado de banalidade e de repetitividade. O primeiro seria uma realização naturalmente bela, o segundo um estado larvário ou degradado do primeiro... Conscientemente ou não, esses guardiões empurram o imaginário da maioria para as margens, o recalcam (cf. Sarah M. Corse, Homi K. Bhabha) Fredric Jameson tem esboçado uma magistral colocação sobre a falta de matizes dos pressupostos de mimetismo e de repetição aplicados à literatura popular (que, aliás, não se deve confundir com a literatura midiática).

Para Jameson, há em primeiro lugar, para as formas culturais eruditas e populares um aspecto na repetição que suscita um duplo prazer: o de reconhecimento do já-percebido; o de uma sensação de pertencimento a uma tradição. E não há receptor que



recuse esses prazeres. Em segundo lugar, existe um regime de mimetismo e de repetitividade assemelhada ao simulacro: prezado na literatura erudita como justificativa sofisticada, ele é rebaixado nas formas populares, mas convém analisá-lo aí cuidadosamente sob pena de desconhecer “o trabalho de transformação sobre as ansiedades e os fantasmas políticos e sociais” que cumpre a cultura de massa (F. Jameson, “Réification et utopie dans la culture de masse”, texto traduzido por Mireille Daoust e Kathy Sabo, Etudes françaises, 19/03/ 1984; Sociologies de la littérature , Montreal, pp. 121-138. Retradução nossa).

Constata-se, portanto, um litígio entre as diferentes faces da Cultura no seio da Nação. Isso se verifica na História Literária do Brasil desde o XIX<sup>o</sup> século (cf. Introdução de Sérgio Luiz Prado Bellei a seu livro Nacionalismo e literatura, 1992). Não nos envolveremos numa sistemática reabilitação da face “vergonhosa” que seria a cultura popular (Ariano Suassuna já o tentou a sua maneira...), nem da face “escandalosa”, ou mesmo chocante, da literatura midiática (quando ela é representada, por exemplo, por um Paulo Coelho). Sabemos que onde há hierarquia, estas são construídas. Nossa tarefa é outra: examinar multifatorialmente a contenda e, todas as vezes que for oportuno argumentar a favor de uma revisão do peso alocado aos fatores ou às condições de uma literariedade flexibilizada, levando em conta a mutação cultural que estamos vivendo desde Auschwitz. Prevemos que essas condições não serão apenas de ordem estética. Pierre Bourdieu e Claude Lafarge acreditam que elas pertencem ao político. Faremos, porém, também intervir outros fatores derivando das crises sociais e religiosas, dos impactos tecnológicos e econômicos, da ordem axiológica e pulsional. A nosso ver todos eles em graus diversos, afetam os sujeitos produtores e receptores de bens culturais no espaço privado e público, na era da globalização.

### **Como nasceu a idéia dessa pesquisa?**

Constatamos, em dezembro de 2000, em 6 livrarias da cidade do Recife, a quase total ausência de obras do romancista-dramaturgo Ariano Suassuna, enquanto que Paulo Coelho, autor de narrativas esotéricas tinha seus escritos exibidos em todos os



lugares. Ariano Suassuna, da Academia brasileira, logo membro da Instituição Literária, recebeu honrarias e vários prêmios literários, especialmente por sua peça *Auto da Compadecida*, a única obra que encontramos em duas das seis livrarias. Muito conhecido, esse livrinho goza da “popularidade” da televisão e “da honra de uma adaptação filmada”. Várias teses foram redigidas sobre a obra desse nordestino em nossas Universidades, enquanto que, atualmente, é inadmissível de se pensar numa tal fortuna crítica para Paulo Coelho, autor de *O Alquimista*, *Diário de um Mago*, *Manual do Guerreiro da Luz*, nascido no Rio de Janeiro, íntimo do computador e da Internet. É bem verdade que um certo jornalista espanhol, Juan Arías, condecorado pela Presidência do Governo italiano e recebedor do prêmio Castiglioni di Sicilia dado ao “melhor correspondente estrangeiro” consagrou-lhe um livro de entrevistas (*Confissões de um peregrino* Rio de Janeiro: Objetiva, 1999; o original espanhol foi publicado em 1998, em Barcelona, por Planeta). É bem verdade que dois renomados escritores brasileiros, Nélida Piñon e Carlos Heitor Cony (pp. 166-169 de Juan Arias) trataram Paulo Coelho como um dos seus. Mas isso não corresponde de modo algum ao perfil dos acadêmicos e dos leitores brasileiros da classe média, e não se poderia falar de “fortuna crítica” para o autor do *Alquimista* nesse ambiente. Entretanto, ele é o campeão que, em 1996, já tinha vendido mais de 16 milhões de livros no mundo. Lê-se na orelha do *Diário de um Mago* e de *O Demônio e a Senhoria Prym*: “autor do ano na Austrália (1993), indicado para o *National Library Award Association*, nos EUA (1994), *Prix des Lectrices de Elle* (França, 1995), *Prix du Livro d’OR* (Yougoslavia, (1995 e 1996), *Prix Grinzanne Cavour* (Itália, 1996), *finalista de IMPAC / Dublin Literary Award* (Irlanda, 1997), condecorado “*Chevalier de l’Ordre National de la Légion d’honneur*” (França, março de 2000), laureado com a mais alta distinção do Fórum Econômico Mundial de Davos (Suíça), *Conselheiro especial da UNESCO* e um dos diretores do *Centro Shimon Peres para a Paz*”. É verdadeiramente um desafio para a concepção do fenômeno literário tal como se apresenta atualmente para um tão lúcido Pierre Bourdieu, ou para um Clément Moisan (*Le phénomène de la littérature*. Montreal, 1996).

Nosso trabalho consistirá numa tentativa de explicação desse acontecimento que questiona acadêmicos e a própria Instituição literária do Brasil. O que prenderá nossa atenção não será, em primeiro lugar, a obra de Ariano Suassuna, apreciada no campo



literário e pela *intelligentsia* local, nem os escritos de Paulo Coelho, desacreditados por esta mesma *intelligentsia*, embora muito estimados tanto alhures quanto pela silenciosa maioria daqui. É antes o sintoma que representam uma e outra figuras. Diagnosticaremos, ajudados entre outros por uma revisão crítica da Teoria da Recepção de Hans Robert Jauss, por estudos bakhtinianos sobre a literatura popular, sobre as vozes que circulam e se superpõem nesses textos, sobre o espaço-tempo, ou cronotopia, que a coloca em perspectiva, ajudados igualmente por teses de Pierre Bourdieu sobre os jogos de posições e de poder do campo intelectual e do campo literário. Evidentemente nós os completaremos com outros suportes. No todo, para jogar um pouco de luz sobre as barreiras que dividem atualmente as diversas sub-culturas que integram a Cultura, de fato heterogênea, de uma Comunidade nacional. É, também, neste espírito que promovemos ao estatuto de *literatura* não a única geralmente afetada por esse nome, a hegemônica, a “erudita”, mas também a popular, verdadeira matéria prima do teatro de Suassuna e de seu grande romance *A Pedra do Reino*, assim como a *Tele-literatura*, muito rapidamente condenada sem nuances.

Pensamos que as três sub-culturas (erudita, popular e “de massa”) são complementares em sua heterogeneidade (Cf. José Luiz dos Santos, 1994) no seio da Cultura nacional, ou melhor, de uma cultura cidadã. No quadro desta pesquisa não serão valorizadas nem menosprezadas as denominações de Literatura erudita, literatura popular ou de Cultura mediática. Esperamos de nossos interlocutores estrangeiros a mesma atitude circunspecta e, também, uma substancial contribuição no que diz respeito ao fenômeno estudado. [...]

Pois, sobretudo, as láureas de Paulo Coelho não lhe vêm da França, da Itália, da Yugoslávia, da Irlanda, dos Estados Unidos, da UNESCO instalada em Paris? Seria apenas um fenômeno mediático? Mesmo assim, um fenômeno mediático está desvinculado do fenômeno literário? Seria porque a circulação restrita de obras academicamente canonizadas como as de Suassuna seja um critério infalível de excelência? Não existe, apenas camuflado, um pensamento economicista que atribuiria o valor à raridade? Mas, nesta economia de raridade, não se coloca em contrapeso uma economia da (grande) quantidade, uma economia da serialidade, chamada Consumismo ou Consumerismo e que preconiza além do mais que isso seja vendável ou comprável



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

quanto mais seja valoroso? Enfim, é que, em torno de figuras emblemas, não existiria duas vertentes complementares do *Imaginário da Cultura*, aquela dos **Happy Few** de Stendhal, aquela “Poesia” feita para todos e por todos?

### **O que se pretende fazer?**

Aqui retomamos uma parte do argumento precedente: a crise cultural sendo talvez uma derivação de uma crise universal, seria preciso analisar o fenômeno emblematizado por Paulo Coelho e Ariano Suassuna interdisciplinarmente (isto com colegas de diversas UFRs) e internacionalmente (isto é com colegas estrangeiros).

Pensamos que alguns interlocutores estrangeiros estão melhor colocados para dar a esta pesquisa sua dimensão mundial, através da análise de casos oriundos de campos culturais europeus e norte-americanos.

- No que concerne ao grupo da UFPE, intentamos encontrar criar um fórum de discussão, a partir das literaturas (oral, erudita, massiva) aproximando-as de questões urgentes da atualidade tais como o racismo, o sexismo, a violência urbana, a xenofobia, a aspiração do sagrado via o “revival” do esoterismo (Paulo Coelho) e das tradições arcaicas adormecidas na memória do povo (Ariano Suassuna). Talvez consigam-se assim oportunidades de mobilizar as energias de toda a comunidade e de fazer convergir as diversas formas de expressão da cultura e do imaginário social em proveito dos direitos do homem, do respeito a cada um, em outras palavras, conseguir-se-á fazer dialogar as subculturas da Cultura.
- Achamos também necessário enfrentar o choque moderno e contemporâneo entre as culturas, os móveis subjacentes ao estatuto de eleitos ou rejeitados da



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Instituição Literária, analisando a totalidade cultural de uma sociedade em uma dada época. (AUGÉ, 1994:149-150).

- Procuraremos uma conscientização dos Leitorados e Audiências quanto à sua solidariedade mútua, o imaginário e a crença que governam suas escolhas e, conseqüentemente, quanto à ambigüidade dos médiums, quaisquer que sejam, que utilizem ou consumam e, em conseqüência, quanto a sua responsabilidade crítica no próprio seio do lazer enquanto que realidade homeostática e cívica. Pois, não existe, por natureza, de um lado o povo inapto e inerte, e de outro as elites dotadas da faculdade de pensamento e autocontrole, uma ontologia dualista reprovada por Karel Kosik ( A dialética do concreto,1995). Também não há, segundo Nestor Garcia Canclini (1997) uma verdadeira tripartição como “cultura erudita, cultura popular e cultura massiva”.

A pesquisa almeja igualmente mostrar que o contexto da crise pós-guerra (1946-2000) – (crise do político, crise do religioso, crise do econômico, crise relativas às tecnologias em uso, crise das relações cotidianas, crise de identidade)- não está indiferente a uma certa oscilação dos valores que atinge a arte e a literatura . (Silvina Rodrigues Lopes, Dominique Schnapper).

Enfim será ressaltada a relatividade dos valores literários : estes não são « anaturais », mas construídos por um grupo ideológico dominante; conseqüentemente, variam de acordo com os tempos e os diversos espaços sociais.

### ***Algumas considerações teóricas e práticas***





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

### 1. Uma abordagem pluridisciplinar e não exclusiva.

Por uma boa parte, nosso estudo estende-se do plano estético para o social, o político e ao ético da Comunicação : uma instituição, e públicos em transição, valores a construir. Não há uma teoria que possa, nem exclusiva nem adequadamente, disso sozinha encarregar-se. As melhores especulações sobre a Literatura são fragmentárias, fortuitas, à maneira de Barthes.<sup>2</sup> Esquecem de interconectar as formas múltiplas da Cultura. Entretanto, o tema não é novo. É apenas polêmico e disperso. Demonstram-no os títulos de nossa bibliografia. No entanto estamos na boa direção, se se considera o mérito da excelente obra de Michel Collomb , La Littérature, art déco (1987). Há mais de 13 anos, esse comparatista da *Université Paul Valéry* (Montpellier III) já nos tinha gratificado com estimulantes considerações sobre o entrelaçamento das culturas populares de todos os gêneros e da literatura erudita, sob o impacto dos meios de comunicação e das tecnologias. Centrando seu tema em torno dos anos 1925, citando propostas surpreendentes de Valéry e não menos surpreendentes declarações dos Surrealistas, de fato deve-se a ele ter vislumbrado a oportunidade de instituir os Estados Gerais da Cultura, ponto de chegada de nossas pesquisas.

Em conseqüência, nosso projeto não é um projeto de arqueólogos nem de *sourciers* ; ele é, como o indica nosso título, um projeto de arbitragem e de espírito aglutinador, face aos conflitos internos e externos da Literatura e do não Literário. Por isso, desde o início, sugerimos a importância de uma leitura cruzada, pluridisciplinar, a única capaz de abarcar um fenômeno que abala as certezas adquiridas da República das Letras e do Grande Todo Social. É o porque de termos reunido 14 especialistas para multiplicar os ângulos de ataque, assim como uma bibliografia das mais diversificadas.

---

<sup>2</sup> Foi preciso Vincent JOUVE (1986) e alguns raros *scholars* para pôr ordem na production de R. Barthes, morto antes de ter podido ele próprio edificar uma síntese. O ideal tinha sido a reunião de cinquenta sínteses sobre o literário, o popular, a literatura “massiva”, semelhantes àquela de Jouve sobre Barthes, com alguns recortes que, infelizmente, a maioria dos pesquisadores não oferecem, com exceção de Michel Collomb (1987).



Uma hipótese forte orienta todos os pesquisadores. Ela está inspirada em Marc Augé ( Pour une Anthropologie des mondes contemporains, 1994), embora seja uma idéia da Tradição Hermenêutica. Ela se resume essencialmente em uma fórmula: considerar o próximo ou familiar por estrangeiro, heterogêneo e complexo, ou seja, não existe dado evidente nem fechado sobre si mesmo e as informações empíricas estão prenhes de possíveis leituras a realizar-se. Augé (1994:156) dá como exemplo a dita “crise do urbano”, um dos elementos de nossa pesquisa; “ela remete a uma crise de uma outra natureza e mais geral: aquela das representações na contemporaneidade”. O familiar é sempre um “*objet-gigogne*” / (encaixes múltiplos) e heterogêneo, mesmo quando se trata do povo camponês e de seus mitos, matéria do teatro de Ariano Suassuna; é conveniente não se esquecer que a urbanização crescente e a nova comunicação atingiram espacial e cultural profundamente esse povo. O escritor trabalha com o imaginário de um público-alvo. No caso de Paulo Coelho provavelmente um público de língua portuguesa. Ora, Paulo Coelho é apreciado sobretudo apenas em tradução...

Retornemos agora às “três literaturas”. Que noção do “literário” seria importável de uma a outra, ou própria de cada uma ? Dito de modo diferente, como liberar duas dentre elas do gueto onde as encerram as definições e as práticas rituais de consagração da instituição literária autocrata e hierarquizante ( prêmios, escolas, academias, fortuna crítica, “capas” para revistas escolhidas, editores escolhidos, Universidade...)? Não há resposta pronta para isso, e não se está mesmo seguro de que a questão esteja colocada de maneira certa.

### **A diversidade cultural**

Retomamos ainda a questão da diversidade das culturas manifestadas num espaço público, isto, na rua (Roberto da Matta), ou ainda, fora da intimidade confortável do indivíduo, da célula familiar (aí onde ela sobreviveu...). Temos dito que existem três formas de expressões culturais manifestas: uma “literatura sábia”, cujo médium é o escrito; uma “oralitura”, como nos cordéis, a canção popular, o *rap* e os “samba-enredos” do carnaval (já desdobrados pelas semioses gestuais e cinéticas) uma “literatura” audio-



visual (J.M. Clerc. 1984, 1985, 1993; Collomb, 1987), como a telenovela, o filme e a adaptação cinematográfica, o teatro radiofônico e o drama televisado, aos quais estão associadas as produções das revistas e jornais, nas páginas onde estes últimos *mediuns* erigem-se em tribuna de orientação literária, sócio-política ou educativa. A página policial deveria ser anexada ao “gênero” mediático, ao lado da publicidade (A verdadeira arte de hoje, segundo Régis Debray, 1992), entrevistas para TV e rádio, *talk-shows* (Branculli, 1992), sobretudo se se escuta a lógica implicada pelas Ciências da Comunicação e da Informação (Bernard Miège, 1986, 1989). Assim como seria desejável que fosse aberta uma sub-categoria do literário *stricto sensu* (ou literatura erudita) para certos romances ditos populares ( cf o romance de aventura à Alexandre Dumas, o romance policial à Arsène Lupin, etc), mais ainda para os best-sellers colocados nas fronteiras senão na intersecção do literário e da “indústria cultural” que os leva para as telas. O mesmo se aplica ao teatro de rua ( veja Augusto Boal) ou do teatrinho amador representado em salas improvisadas. É do popular, em seu sentido lato, esses modestos tratamentos da linguagem.

Eruditas ou populares, as diversas produções ou manifestações culturais podem provir de uma única “notícia de jornal” fazendo bola de neve ou de barro ou podem coincidir com a reatualização desse mesmo fato num espaço público<sup>3</sup>. Nossa opinião é que o oral, o escrito, o audio-visual cultivam a mesma pretensão, secreta ou declarada de driblar o discurso social, ou discurso de prejudgados ( clichês, doxa). Queremos dizer aqui: aqueles que “produzem” compreendem que “fazem obras”,

---

<sup>3</sup> O “espaço público” assim como o “discurso social” são noções sobre as quais elaboraremos no decorrer de nossas pesquisas. Desde agora, podemos adiantar que a significação do espaço público não é a mesma na América Latina e na Europa. Cf Liszt Vieira , Cidadania e globalização, Rio de Janeiro: Record, 1989; Amélia Cohn, “A questão social no Brasil: a difícil construção da cidadania”, in : Carlos Guilherme Mota (org.) Viagem incompleta: a experiência brasileira. A grande transação. São Paulo:SESC, 2000, pp. 334-404; Mary del Priore(org.) Revisão do Paraíso. Rio de Janeiro: Campus,2000.Quanto ao discurso social, adiantamos que é o pano de fundo sobre o qual se destacam as produções das três culturas, mesmo se a tendência seja limitar as “estruturas salientes/ SAILLANTES. Reenviamos aos nomes de Marc Angenot e Régine Robin em nossa bibliografia, para uma definição mais detalhada.



utilizando-se desse discurso, mas como muletas ou trampolim; sua pretensão é de subversão, desvio da doxa. Por hipótese, acreditamos que há um uso “literário da Televisão e da Publicidade (Branculli, 1992; Debray, 1992), mesmo se outros fatores vinculados à economia, ao marketing, à libido dominadora, contribuem para enviesar essas intenções e a reconduzir o estereótipo que elas pretendem deslocar ou mascarar. É assim que, no Brasil, grande consumidor de produtos mediáticos, encaminha-se para um paradoxo desses dois casos típicos ofertados para a fruição de um público heteróclito: Ariano Suassuna e Paulo Coelho. Ainda uma vez, expressamos o voto de que nossos colegas de além-mar possam elaborar uma problemática similar àquela que colocamos na perspectiva brasileira.

No objetivo de melhor compreender o fenômeno Coelho-Suassuna – um fenômeno que somente existe se se mantém a relação entre os dois – nós temos recorrido a algumas referências teóricas das quais damos uma idéia sumária logo adiante. Sobre esta exposição, entretanto, repousará a distribuição de uma boa parte das tarefas do grupo.

### **Os Referentes Teóricos Iniciais**

Esboçamos aqui essas referências, assim como, se necessário, uma apreciação cursiva de sua pertinência.

**1. A categoria sociológica de “campo” (Bourdieu: 1992).** O campo intelectual é indubitavelmente político; e o escritor, por rebelde que ele se diga em relação aos poderes, o mecenato de ontem e de hoje ( O Estado central, o Estado regional, os Bancos, os Grupos econômico-financeiros...) aceita seu apoio, movido visceralmente pela necessidade de reconhecimento, de consagração. O cuidado que ele dedica a sua carreira lhe faz então um ser dilacerado, que corteja a Instituição e que é zeloso de sua própria liberdade de produzir. Ao mesmo tempo, ele está de fora e de dentro, vive na atopia, se nutre de utopias independentistas e produz sob pressão. Ele não se embaraça demais pela moral quando se trata de dar uma rasteira num escritor rival a fim de tornar-se campeão, o príncipe dos poetas. Ele sabe também utilizar as circunstâncias, criá-las (ou correr atrás): Machado de Assis teve êxito onde arruinava Lima Barreto se arruinava. O campo é a trajetória dramática que trespassa o escritor em



vista de sua consagração. Bourdieu (1992) bem descreve tudo isso. Mas é o lingüista Dominique Maingueneau (1993) quem melhor ajusta as idéias do sociólogo no contexto da obra literária.

1. **A noção de horizonte de expectativa de Hans Robert Jauss.** Gérard Gingembre (1996:57) a resume pelos três fatores que são: “a experiência prévia” do público, “a forma e a temática de obras anteriores cuja obra nova pressupõe o conhecimento”, “a oposição entre linguagem poética e linguagem prática”. Mas, no fundo tudo não passa de um olhar para trás, de um peso decisivo e irrevocável do passado; como se não existisse esta “midiologia” de que Bernard Miège (1986, 1989) e Michel Collomb (1987), depois Régis Débray (1991), fizeram ressoar o impacto sobre a cultura. Preferimos reinterpretar esta noção como uma espécie de sintonização entre o universo de um obra, suas propostas sobre o mundo e as esperas secretas dos públicos leitores, apesar de incorrerem no risco de incorrerem no anacronismo. Pois toda obra não é contemporânea dos leitores que a vêem surgir. O modelo jaussiano tem o inconveniente de partir de um “déjà-lá” de textos canônicos ou canonisáveis, de não se abrir ao desejo do sujeito receptor qualquer que ele seja.

2. **As noções de “mistura das vozes”, de “dialogia” aplicadas por Mikhail Bakhtin.** Antes da leitura de Dostoievsky, Bakhtin tira suas reflexões de Rabelais e da literatura popular, numa época onde, confundido no iletrismo (Peter Burke, 1994), o auditório misturava os ricos e os pobres, os nobres e a plebe num mesmo espaço-tempo (cronotopia). Wladimir Krysinski e outros críticos quebequenses acreditam que se pode ir além das propostas de Bakhtin com os escritores pós-modernos e o contexto de hoje. (revista Tangence, mai/juin 1996, n. 51): Paradigmes critiques. Wladimir Krysinski, “Au delà du dialogisme”, pp.98-123). Reliremos Bakhtin à luz de Krysinski e de seus colegas canadenses.

3. **As diversas concepções de literariedade** abertas por Roman Jakobson, as discussões sobre a literariedade seriam continuadas por Tzvetan Todorov, Aron Kibedi Varga, Jean Bessière, Viala-Molinié, Gérard Genette et muitos outros. Percebe-se então



o caráter fluido da noção, das fronteiras do literário com o não literário, de seus critérios constitutivos ( é o fundo? É o *rhème/(rhema)*? a dicção ? a forma? Ou o tema?) Há defensores para toda uma gama de posições, ou para a recusa a todas (Genette, Todorov, Bessières, Kibedi Varga, etc). O que automaticamente coloca em questão a legitimidade do campo literário, de seu aparelho de poder, de sua autarquia, de suas sanções.

Desenvolvamos um pouco esta noção de literariedade.

Georges Molinié e Alain Viala (1993), Georges Molinié (1998) chamaram a atenção para uma literariedade em três níveis não estanques: uma literariedade geral, uma literariedade genérica e uma literariedade singular. Esta posição não repele o que antes se separava como “não literário”. A literariedade geral confunde-se provavelmente com ele. Tal é, de resto, a razão pela qual esse primeiro nível é difuso, percebido como um sentimento misto de frustração e de êxito, de emoção e de aborrecimento. O auditor / o leitor está sob a impressão de uma “desconexão”(Molinié, 1998: 112-113). Em suma, ele não sabe se esse texto emite um som justo ou não, se ele é ou não literário.

De modo bem diferente e mais fácil de entender é a “literariedade genérica”. Nesse nível, a questão que se coloca é: de qual tipo/estilo/gênero de literatura se trata ? (Molinié, 1998: 113), qual nova partida, qual rearrumação em matéria de classificação pré-estabelecida dos discursos efetua-se aqui? Por exemplo, que espécie de semio-ficção está praticando Patrick Modiano ou J.M. Le Clézio?

Quanto à “literariedade singular”, se dá em escalas de textualização mais refinadas e mais diferenciada.” (Molinié: 1998: 114). O que há de mais individual, de mais idiossincrático no escritor Marcel Proust ou Joyce é justamente ela, esta imagem de marca que o impele ao universal. Mas, eu acrescentaria, o que é a universalidade? Que é a genialidade na era da reprodução em série provocada pela Mídia e as Tecnologias?

Tal como apresentado, este grosseiro resumo empobrece as nuances do trabalho de Viala e Molinié (1993 ; 1998). Entretanto, esta concepção dos graus da literariedade nos parece estabelecer uma ponte entre o que chamamos de as três literariedades. Cabe-nos aprofundá-la, confrontá-la com as posições respectivas de Bessières, Bourdieu, Sarah Corse, H. U. Grumbecht, de submetê-la à prova da literatura industrial e da literatura popular que, diz-se, **gabam-se** da indiferença, da neutralização



estética, a lição fácil e sem conseqüência, uma lisibilidade que anula toda tarefa interpretativa, isto é, crítica, e nos habitua apenas aos estremecimentos e ao prazer.

O que quer que se diga, na teoria da recepção de H. R. Jauss, Gumbrecht (1998) descortinou o germe de uma eventual reabilitação de escritos tais como aqueles desdenhosamente referidos como “indústria cultural”. Liberando-se da tutela dos julgamentos acadêmicos, o leitor/ o auditor abandonar-se-á, entregar-se-á satisfatoriamente ao seu prazer que Umberto ECO (O Super-homem de massa), bem como Roland Barthes (ele se deleitava com as *Aventuras do Conde de Monte Cristo*), não querem nem queriam privar-se. Prêmio de consolação após o estudo das literaturas problemáticas e das incertezas impostas pela Instituição? Talvez. A resposta não deve ser também simples, e a velha dicotomia Consolo/Problema, Fruição imediata/ Fruição retardada acoplada com a transformação cognitiva do ser/leitor, que Umberto Eco reconduz, tem ranços de ideologia não conservadora. É difícil de prejulgar o que numa obra sofisticada ou simplista atingirá todos os leitores cultos ou não e de qual maneira, se positiva ou negativa. Segundo qual critério, qual axeologia vamos separar o joio do trigo, a exemplaridade da perversidade?

Caberia à análise comparatista e pluridisciplinar explorar esse tema segundo seus entornos e contornos e de fazer com Marc Augé (1994:153) esta *ethnologie du proche* / (etnologia do próximo), que permite ultrapassar “as fronteiras da monocultura”(A Mattelart, 1996: 104-113). Somente assim é que se tem a oportunidade de melhor situar, entre outros parâmetros, o grau de interpretação, em diversos níveis, do prazer e do questionamento das vozes (populares, camponesas, urbanas, eruditas, “*mass-médiatiques*”, nacionais, supranacionais). Ou ainda de melhor avaliar o peso de sua contribuição: a Tradição e Invenção.

**5. Des-diabolização da mídia e dos novos produtos: uma prévia necessária.** A leitura de Walter Benjamim ( *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade, 1955/ 1992*), de J. B. Thompson (1998), Silviano Santiago (1991), João Paulo Paes (1990) e de Daniel Bougnoux (1993) é suscetível de ajudar a perceber que **a mídia** , a literatura de divertimento, os textos de literariedade geral são também





eles suportes de reflexão. Eles são ou foram sempre o ponto de partida assegurado de toda uma plêiade de clássicos da “Grande” literatura. Falamos nisso a propósito de H. R. Jauss: ao confiar ao leitor o destino da obra ele promoveria, talvez sem o saber, o destinatário à dignidade do Autor. Barthes e os partidários de hoje da ecri-leitura (Annie Rouxel, 1996; Anne Jorro, 1999; Arnaud Gillot, in AVuillemin, 1999), semioticistas capazes de transmutar o chumbo em ouro, todos vão na mesma direção de uma reabilitação do popular e da literatura de massa. Isto também não é um assunto novo.

Por exemplo, no século dezenove, o autor de Madame Bovary obteve um escandaloso sucesso por seu romance condenado pela Censura como depravado. Na metade desse século François Mauriac conheceu o mesmo gênero de sucesso quando os meios católicos reprovaram Thérèse Desqueyroux, romance que adaptava justamente uma crônica policial, ou seja, a história banalizada pela Imprensa de uma mulher que, como Emma Bovary, assassina seu marido a fim de poder livremente ficar com seu amante. Num caso como no outro, existiu, na reapropriação, uma literariedade da narrativa da Imprensa sobre o plano da dicção ou dos rhèmes (Gérard Genette); mas o fator decisivo da literariedade dos textos de Flaubert e de Mauriac, em sua reescritura da crônica policial, foi o tema, (a ficção, diria também G. Genette). Ainda hoje, Ariano Suassuna não deve muito da popularidade do Auto da Compadecida ao seu estilo quanto ao fato da reapropriação de elementos da cultura popular (lendas, canções). Que serve a um público extasiado de reencontrar o que ele imagina ser suas raízes.

Entretanto, o gênero hagiográfico que está na moda constitui um traço da literariedade da narrativa de Paulo Coelho. Também existe nele a “generosidade” de levar a tradição hermética ao grande público. O que lhe afigura um prestígio paralelo aos louros acadêmicos de Suassuna. Ademais, Ariano Suassuna escreve peças de teatro para uma camada social rural que cada vez mais evolui no mundo mediático onde desencadeia-se um novo sagrado pelas ondas hertzianas.

Esse sagrado de substituição parece estar em convergência com o esoterismo coelhiano. Esta literatura parece dizer: é preciso ser esmagado, tornar-se poeira no cadinho dos morros, das favelas e das ruas cheias de armadilhas de nossas grandes cidades, para ascender à sublimação sagrada da nova “pedra filosofal”. Esse processo iniciático





encontra uma explicação teórica em René Girard (A violência e o sagrado, Grasset, 1972) e provavelmente em Mircea Eliade e Gilbert Durand. Os milhões de livros vendidos por Paulo Coelho testemunham, talvez, estatisticamente, uma sintonia com uma sensibilidade de transição (fim do século XX, entrada do XXI). Pode-se dizer que esta sintonia está ausente da obra de Ariano Suassuna ? Demasiadamente cedo é para responder a esta questão; antes, é preciso haver mensurado o peso da estatística e do reconhecimento estrangeiro, numa avaliação cultural, no seio de uma sociedade em vias de se mundializar. Em todo caso, em matéria de práticas culturais ou de artes, seria conveniente de ultrapassar qualquer polarização, começar a pensar na complementaridade e nas interações entre as diferenças (Stéphane Vachon, 1998; José Luiz dos Santos, 1996).

### **6. Escritos, Espaço Público E Cidadania**

Os escritos e outras manifestações culturais no espaço público esquecem que o homem que eles presenteiam com uma emoção estética ou religiosa é antes de tudo um cidadão ? Eis porque da questão da posição dos incluídos e excluídos, a propósito do campo literário e ou intelectual, deve-se passar à noção de cidadania, entendida como o respeito devido a cada um, no seio de sua comunidade, assim como o direito de integração de todos na sociedade onde ele vive seu destino de homem livre. A maioria dos textos “literários”, os prêmios Nobel, os “Booker Prize” britânicos, os prêmios Pulitzer, são vistos como testemunhos da consciência ética e política da humanidade. Não poderia ser de outra forma: segundo Micheline Cambron e H.J. Lüsebrink (Études Françaises, 36/3, 2000), um grande número de renomados escritores foram jornalistas, ou seja, foram observadores atentos da atualidade quotidiana com suas derrapagens fora dos caminhos da ordem, da justiça. De modo breve podemos mencionar os casos dos jornalistas-escritores tais como G.G. Marquez, Machado de Assis, Clarice Lispector, J.-P. Sartre, Albert Camus, Léopold Sédar-Senghor, François Mauriac.

Por seu turno, mesmo sendo uma linguagem menos refinada que aquela dos patricios da literatura erudita, a oralitura (ou “literatura” oral) dos cordéis, de algumas seqüências da telenovela ou de reportagem televisada, busca objetivos similares de conscientização. Eles são como tribunas na praça pública, nas feiras-livres e festas



populares. Difundem, ao seu modo, os mesmos incidentes-choque que abalam os autores dos romances-folhetins ou populares, de poesias e de novelas “eruditas”: atos de xenofobia, episódios de guerra, injustiças sociais, flagrante delito de violência. O exemplo, o gesto bárbaro de três jovens da aristocracia brasiliense ao incendiar as vestes, depois de embê-las em querosene, de um miserável jovem indígena. Houve, por sua vez, a indignação dos Acadêmicos, o clamor de todos os meios de comunicação, os cantos de protesto dos *rappers*. Tratava-se bem de “cidadania” nesta tripla forma de evocação (oral, escrita, gestual) dos direitos da pessoa.

Foi-nos relatado por Roger de La Garde<sup>4</sup> que, na esfera pública quebequense, - uma das mais agitadas do mundo quando se trata de atentado aos direitos do homem, — como por exemplo na discriminação de um homossexual por um policial, na recusa de atendimento ao soropositivo num hospital público – houve sempre e agora também, em tais casos, uma mobilização geral das três ordens de literatura e de cultura e também das ONG’s, dos representantes da Anistia Internacional. Iniciado em 1970, o debate em torno da injustiça infligida a um homossexual reacendeu-se, crescendo-se, em cada novo incidente, ao longo de 20 anos: em 1980, o incidente foi o “casamento homossexual”; em 1990, foi a adoção de criança por um casal homossexual”. Segundo nosso informante, pesquisador em comunicação da Universidade Laval, um grupo de pesquisa acompanhou metodicamente “a problemática”. Constatou-se em cada etapa uma abertura mais ampla do espírito público, a evolução crescente do respeito à alteridade.

Foi igualmente sublinhado, pelo mesmo sociólogo, que a razão desse progresso era devida à participação e à convergência de todas as formas de discursos (oral, escrito, audio-visual). Este exemplo nos traz de volta à hipótese incorporada num dos objetivos de nosso projeto: a possibilidade de interconectar as três ordens de cultura de uma comunidade (regional ou nacional) tendo em vista a promoção eficaz dos direitos de cada cidadão, qualquer que seja ele.

---

<sup>4</sup> Roger de la Garde, conferência realizada na Universidade Estadual de Feira de Santana, 03 de abril de 2000 e da qual fui um dos tradutores.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## 7. Entre O Nacional e o Transnacional

Ser membro de uma Academia nacional como Ariano Suassuna, ter seus livros no programa dos estabelecimentos escolares, ser o objeto de prêmios literários em seu país e de teses nas universidades, tudo isso autentica a pertinência de uma experiência no nível nacional provavelmente em acordo com uma obra. Entretanto, não se poderia menosprezar uma escolha popular, nem um forte reconhecimento estrangeiro ( Paulo Coelho)... Eis uma matéria para reflexão.

De uma certa maneira, os dois autores, o escrevente e o escritor, situam seus textos sobre o mesmo eixo, o inconsciente mítico da maioria, nesses tempos onde os deuses de antanho se calaram. O esoterismo de um e os mitos populares do outro são duas faces de uma mesma moeda. A questão da irradiação de um e de outro aqui e alhures, coloca-se talvez em termos de uma revisão geral na escala dos valores, de uma certa exploração do senso comum (Don Byrd; The Poetics of the Common Knowledge, 1994) e sobretudo como já foi dito, desse retorno do inconsciente religioso atestado entre outros por Gilbert Durant Figures mythiques et visages de l'oeuvre, Albin Michel), Jean-Jacques Wunenburger (Le sacré, P U F), Georges Balandier ( Le détour, 1985, Le Dédale, 1989; Le Désordre, 1994, A Fayard) e muitos outros (veja-se nossa bibliografia). É urgente de separar o joio do trigo nestes dados sociais, políticos, religiosos, estéticos ou para-estéticos, a fim de atenuar a tensão entre “texto” e “anti-texto”, entre público de “conhecedores” e “público de consumidores” e, sobretudo, a fim de reforçar o laço social atualmente ameaçado de romper-se. Esta ameaça se produz cada vez que nossas teorias-ficção ou os consensos políticos e os mitos que servem de esteio ao bom funcionamento, - um funcionamento auto-poético do campo literário- sofrem de um efeito de entropia sobre a pressão de mutações em curso na sociedade como um todo. Ainda um ponto crucial para reflexão, para nossos colaboradores historiadores, sociólogos, antropólogos e comunicatólogos. Também eles são diretamente implicados, sobretudo os últimos, no item seguinte.

## 8. *Um espetáculo contínuo.*



O fenômeno em estudo (o escrito, o audio-visual, a audiência, a leitura) tem um ponto de emergência na inacreditável popularidade desses músicos e cantores populares, desses animadores de programas das redes SBT e Record, que a classe média detesta mortalmente. Daí decorrer a absoluta necessidade de interrogar as políticas culturais, instituídas e instituintes assim como aos mitos que se fabricam, a fim de regularizar nossa *socialidade* de transição (cf André Dabezies, in Pierre Brunel, 1997). Não se trata tão somente de razões estéticas, uma vez que a vulgaridade da receita, posto que, a espetacularização e a ficcionalização de tudo, até mesmo do imaginário, deriva e risca perverter-se (Marc Augé, 1997: 132- 169). Recentemente, figuras de proa da Televisão brasileira (Jô Soares e Gabriela) selecionavam cuidadosamente seus convidados. Hoje, ex-modelos quase iletradas contam com o Presidente da República entre seus convidados. Gabriela e Jô Soares dividem não importa com quem. Chamemos a isto democracia, se quiser. Mas o caso é de importância nacional, até mesmo transnacional, uma vez que o Governo Francês e a UNESCO elevaram Paulo Coelho ao mais alto escalão. Nossos mais ilustres escritores da Academia Brasileira de Letras jamais aspiraram a tais distinções. Esta dimensão supranacional observa-se igualmente em duas figura análogas à de Paulo Coelho: “Walt Disney” estabelecido perto de Paris e batendo recordes de visitantes, fazendo descer a ficção de seu império sobre o solo do real (Mar Augé, 1997: 1720; - a escocês J.K. Rowling, co-realizadora de Harry Potter (com a Indústria Publicitária) tornou-se recebedora de 42 prêmios literários e ganhadora de mais de 36 milhões de leitores em 140 países. Mas, onde estão os escritores de antigamente? Teriam sido atingido pelo efeito de ficção “generalizada” (Augé) ? Nossa própria pesquisa, não estaria ela prisioneira desta ilusão universal?

### *Conclusão*

Em nossos dias, acostuma-se a opor em filosofia v.g. Habermas) e em Ciências Sociais (cf. Martins de Souza) o espaço público e o espaço privado, a sociedade civil e o Estado, a rua e a casa (Da Matta, 1990). Nós mesmos reutilizaremos a expressão



“espaço público” para fins de apresentação das três culturas (escrita, oral, audiovisual). Mas é preciso não ser trouxa. A vida na América Latina e as manipulações técnicas e éticas da mídia trançam formas de estetização e de divulgação erótica e política que invertem as polaridades, abalam as hierarquias de valor e tornam tênues as fronteiras. É assim que a intimidade do ambiente familiar e as acrobacias da alcova acham-se deportadas para a praça pública das grandes e das pequenas telas, onde se processam desnudamentos sofisticados ou grosseiros dignos de nossos mais licenciosos romances clássicos ou de uma peça teatral pornô. O lido, o ouvido e o visto se combinam e cambiam comodamente seus papéis e funções. E o fio que corre de uma subcultura para a outra, por um tempo interrompido na história, ele também reencontra sua continuidade. Mas o **homo academicus** duro e puro não percebe assim. É pensando nele e numa nova alternativa possível da Cultura em tempos mediáticos e num contexto de emergência dos movimentos sociais “pós-coloniais” que elaboramos a proposta a seguir:

*É mister explorar sob vários ângulos múltiplos a questão da literatura erudita em relação com as outras formas culturais, sem prejudicar da superioridade natural da primeira. Com a **mídia**, o público ampliou-se e tornou-se heteróclito. Uma heterogeneidade e uma complexidade ao mesmo tempo que um condicionamento instalaram-se. As populações urbanas, vindas de fora ou dos grotões do país submergem pelo número aquelas cidadinas que até recentemente ditavam as modas culturais. A exigência de um reconhecimento cidadão no plano cultural afirma-se cada dia pelos não-letrados, os semi-letrados e entre as minorias econômicas que, por sua vez, são os vencidos da História “monumental” e os marginalizados da cultura oficial.*

*No novo contexto mediático, a reivindicação dos direitos da pessoa, em particular do direito à representação equitativa em todos os setores da vida pública, do direito à diversidade em matéria de gosto, torna ineficazes as políticas culturais implementadas. A Cultura, no nível da Região e da Nação ou da Mundialização, requer além do mais a participação ativa de todos os centros de formação assim como da Sociedade Civil. Pode-se temer pelo obscurecimento da idéia de arte. Mas o risco vale a pena de ser tentado. O Best-sellerismo, a “telelitteracy”, a indústria cultural, as*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*adaptações crescentes para a tela da “grande literatura” como tendência da Televisão, do rádio, do cinema a colonizar a cultura popular, tudo isso reforça o perigo de uma marginalização da “cultura erudita” que outrora marginalizava as outras. Uma nova agenda precisa ser elaborada para um consenso da História cultural. É para preparar esta novo pacto que essa pesquisa pretende trabalhar. Ela demonstrará e esclarecerá alguns mecanismos e dinamismos das três ordens da cultura e chamará a atenção sobre valores humanos dos quais a ética da arte, redefinida, é sem dúvida uma dimensão incontornável.*

## **Corpus**

### **a. Obras de /sobre Ariano Suassuna**

#### **•TEATRO**



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SUASSUNA, Ariano. Auto da compadecida. 25ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1990.

SUASSUNA, Ariano. Farsa da Boa Preguiça. 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

SUASSUNA, Ariano. A pena e a lei. 2ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1975.

SUASSUNA, Ariano. O santo e a porca. O casamento suspeito. 8ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.

SUASSUNA, Ariano. Uma mulher vestida de sol. Recife, Imprensa Universitária, 1964.

• **ROMANCE**

SUASSUNA, Ariano. A história do amor de Fernando e Isaura. Recife, Bagaço, 1994.

SUASSUNA, Ariano. História do rei degolado nas caatingas do sertão. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.

SUASSUNA, Ariano. As infâncias de Quaderna. Recife, Diário de Pernambuco (folhetins semanais), de 02 de maio de 1976 a 09 de junho de 1977.

SUASSUNA, Ariano. Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta. 4ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

• **OUTROS TEXTOS**

SUASSUNA, Ariano. Discours de réception/ Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. Recife, Companhia Editora de Pernambuco, 1991.

SUASSUNA, Ariano. Projeto cultural Pernambuco-Brasil. Recife, CEPE, Governo de Pernambuco, 1995.

SUASSUNA, Ariano. A arte popular no Brasil. Jornal do Comércio. Recife, 16 de julho de 1995.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SUASSUNA, Ariano. (entrevista) Identidades entre os temas bíblicos e as histórias do cancioneiro popular nordestino. Folha da Manhã. Recife, 21, jan./1948.

SUASSUNA, Ariano. (entrevista) O rei degolado. Folha de São Paulo. 19, jun.1977.

SUASSUNA, Ariano. O Brasil, seu povo, seu destino, segundo Suassuna. Diário de Pernambuco. Recife, 23, abr./1989.

SUASSUNA, Ariano. O missionário da cultura popular: escritor Ariano Suassuna diz que conceitos do Movimento Armorial continuam atuais 25 anos depois. Jornal do Comércio. Recife, 18 dez. 1994.

SUASSUNA, Ariano. Ariano Suassuna, um cavaleiro em defesa da Arte popular brasileira. O Estado de São Paulo. 29, mai/1995.

SUASSUNA, Ariano. O paladino da cultura popular. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 07 dez./1997.

SUASSUNA, Ariano. A pedra do reino agora fica na França. Diário de Pernambuco. Recife, 21, mai/1998.

• ***Sobre Ariano Suassuna***

CARRERO, Raimundo. O teatro de Ariano Suassuna (publicado em três partes). Diário de Pernambuco. Recife, 12 e 26 agosto, 02 nov./1974.

CARVALHO, Nelly. Transcrição da linguagem regional nordestina na obra de Ariano Suassuna. In Anais do Congresso Internacional de Literatura Nordestina I. Recife, UFPE/ Editora da UFPE, 1988, pp. 47-51.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna. «O Santo e a Porca». Um estudo comparativo. Minas Gerais. Belo Horizonte, 22 jul.,1978. Suplemento Literário, nº 616.

GUIDARINI, Mario. Os pícaros e os trapaceiros de Ariano Suassuna. São Paulo, Ateniense, 1992.





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

MAGALDI, Sábato. “A pena e a lei”, Auto da Esperança. In: Panorama do teatro brasileiro. São Paulo, Perspectiva, 1998, pp.69-75.

MELO, José Laurenio de. Nota bibliográfica. In: Suassuna, Ariano. O santo e a porca. O casamento suspeito. 8ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1989, pp.VI-VIII.

MICHELETTI, Guaraciaba. Na confluência das formas. São Paulo, 1983. (dissertação de Mestrado),

ROCHE, Jean. “A pedra do Reino”:um marco da literatura brasileira. Jornal do Comércio. Recife, 30,jun/1972.

SANTIAGO, Silviano. Situação de Ariano Suassuna. In: Suassuna, Ariano. Seleta em prosa e verso. Rio de Janeiro, José Olympio, Brasília, INL, 1974. p.XVI – XVII.

SANTOS, Idelete Muzart Fonseca dos. Em demanda da retórica popular. Campinas, UNICAMP, 2000.

SANTOS, Idelete Muzart Fonseca dos. Roteiro para a leitura do romance d’A pedra do Reino de Ariano Suassuna. In: A literatura na Paraíba, ontem e hoje. João Pessoa, Fundação Casa José Américo, 1989, pp.89-103.

SANTOS, Idelete Muzart Fonseca dos. O teatro de Ariano Suassuna e a literatura popular nordestina. Uma poética do palimpsesto. Investigações, Revista da PG. Letras, Recife. Ed. da UFPE, vol. 2, pp. 155-165. dez. 1992.

NEWTON JR, Carlos. O pai, o exílio e o Reino. Recife, Ed. da UFPE, 1999. (dissertação de mestrado da UFRN).

#### **b. Obras de Paulo Coelho**

1974. O teatro na educação.

1974. O manifesto de King há (com Raul Seixas).

1987. O diário de um mago. Rio de Janeiro, Rocco.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

1988. O alquimista (trad. Francesa), Rocco/Pockett
1998. Brida.
1991. O Dom supremo, Rio de Janeiro, Rocco.
1992. As Valkírias.
1994. Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei.
1996. O monte cinco.
1997. O manual do guerreiro da luz. Rio de Janeiro, Objetiva.
1998. Cartas de amor do profeta (adaptação de Khalil Gibran

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ADORNO, Jacques et PERETTI, André de. Penser l'hétérogène. Desclée de Brouwer, 1998.
- ALEXANDER, Jeffrey C. La réduction. Critique de Bourdieu. Paris, CERF, 2000.
- AMOSSY, Ruth et PIERROT, Anne Herschberg. Stéréotypes et clichés. Paris, Nathan, 1997.
- ANDERSON, Benedict. Imagined communities. Revised edition, London, Verso, 1991.
- ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo, Ática, 1989.
- ANDRÈS, Bernard et BERND, Zilà (dir.). L'Identitaire et le littéraire dans les Amériques. Québec, Nota Bene, 1999.
- ANGENOT, Marc. Analyse du discours et sociocritique des textes. In: Duchet, Claude et Vachon, Stéphane (dir.). La recherche littéraire. Montréal, XYZ, 1998.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ARANTES NETO, Antonio Augusto. O que é cultura. São Paulo, Brasiliense, 1998.

ATLAN, Henri et al. Savoir échanger les savoirs. Paris, Textuel, 1997.

AUGÉ, Marc. La guerre des rêves. Exercices d'ethno-fiction. Paris, Seuil, 1997.

AUGÉ, Marc. Les sens des autres. Paris, Fayard, 1994.

AUGÉ, Marc. Pour une anthropologie des mondes contemporains. Paris, Aubier, 1994.

AYALA, Marcos et al. Cultura popular no Brasil. 2ª ed., São Paulo, Ática, 1995.

BADIE, Bertrand & SMOUTS, Marie-Claude. Le retournement du monde : sociologie de la scène internationale. Paris, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1992 (culture, territoires, retour du « sacré », l'Etat, l'individu, violence, anomie, conflits, exclusion, bien commun).

BAJOMÉE, Danielle ; KLINKENBERG, Jean-Marie et al. L'Institution du texte. Bruxelles, Labor, 1999. (Mélanges présentés à Jacques Dubois).

BAKHTIN, Mikhaïl. Esthétique et théorie du roman. Paris, Gallimard, 1975.

BAKHTIN, Mikhaïl. A cultura popular na idade média e no renascimento. São Paulo, EdUnB/Hucitec, 1996.

BALLE, Francis. Médias et sociétés. 8º ed., Paris, Montchrestien, 1997.

BARBIER, René. L'approche transversale. L'écoute sensible en Sciences Humaines. Paris, Anthropos, 1997.

BARROSO, João Rodrigues (coord.). Globalização e Identidade Nacional. São Paulo, Atlas, 1999.

BARTHES, Roland. Mitologias. Lisboa, Ed. 70, 1973.

BARTHES, Roland. O grau zero da escrita. São Paulo, Martins Fontes, 1998.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

BEAUDOIN, Réjean. Le roman québécois. Montréal, Bréal, 1991. Chap. 5 : Le même et l'autre.

BELLAVANCE, Guy (dir). Démocratisation de la culture ou démocratie culturelle? Deux logiques d'action publique. Québec, PUL/IGRC, 2000 (principalement les textes sur le canon, la littérature, le pluralisme culturel signés Marie-Noëlle Ryan, Philippe Urfalino, Jean-François Gaudreault-Desbiens, pp. 203-242).

BELLEI, Sergio Luiz Prado. Nacionalidade e literatura. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1992. Introdução (cânone e hierarquia, inclusão e exclusão, seleção, ethos cultural complexo vs. Literatura de entretenimento), pp. 13-22.

BENJAMIN, Andrew & OSBORNE, Peter (orgs.). A filosofia de Walter Benjamin: destruição e experiência. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

BENJAMIN, Walter. Sobre Arte, técnica, linguagem política. Lisboa, Anthropos/Relógio d'Água, 1992.

BERND, Zilà & MIGOZZI, Jacques (eds). Fronteiras do literário :literatura oral e popular. BRASIL/ FRANÇA. Porto Alegre, UFRS, 1995.

BESSIÈRE, Jean. Dire le littéraire. Bruxelles, Pierre Mardaga, 1990.

BHABHA, Homi K. (ed.) Nation and nationalism. London and New York, Routledge, 1992.

BHABHA, Homi K. The location of culture. London and New York, Routledge, 1991.

BIANCULLI, David. Teleliteracy; taking television seriously. New York, Continuum, 1992.

BLETON, Paul. La paralittérature québécoise.... In: Duchet, Claude et Vachon, Stéphane (dir.). La recherche littéraire. Montréal, XYZ, 1998. (infra)

BLETON, Paul. Modèle paralittéraire et lecture sérielle. In Lucie Bourassa (dir.) La discursivité. Québec, Nuit Blanche (Nota Bene, ed.), 1995, pp. 95-122.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

BOGART, Leo. Commercial culture. The media system and the public interest. New York, Oxford University Press, 1995.

BOIA, Lucian. Pour une histoire de l'imaginaire. Paris, Les Belles Lettres, 1998.

BOUGNOUX, Daniel. Sciences de l'information et de la communication. Paris, Larousse, 1993.

BOURASSA, Lucie. La discursivité. Québec, CRELIQ, Nuit-Blanche (Nota Bene), 1995.

BOURDIEU, Pierre. «Le marché des biens symboliques». L'Année sociologique. 1971, pp.49-126.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, Pierre. Contre-feux. Paris, Liber, 1998.

BOURDIEU, Pierre. La distinction. Paris, Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. Les règles de l'Art. Genèse et structure du champ littéraire. Paris, Seuil, 1992.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. São Paulo, UNICAMP, 1997.

BRANDI, Cesare. Le deux voies de la critique. Intr. De Paul Philippot. Bruxelles, Marc Vokar ed., 1989. (sociopoétique, literatura de massa et littérarité, surtout pp : 79-89, 127-138, 147-151).

BRUNEL, Pierre (org.) Dictionnaire de Mythes littéraires. Traduction brésilienne, UNB/José Olympio, Brasília, 1997. (Consulter la préface de Nicolau Sevcenko et l'étude de André Darbezies, de l'Université d'Aix-Marseille, « Mitos primitivos a mitos literários » (sic), pp.730-736.

BRUNEL, Pierre et CHEVREL, Y. Et al. Précis de littérature comparée. Paris, PUF, 1992.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

BRUNET, Manon. «La constitution d'une tradition littéraire québécoise par l'Institution littéraire en formation au XIXe siècle». In : Pierre Lanthier & Guildo Rousseau (org.). La culture inventée. Québec, Institut Québécois de Recherche sur la Culture, 1992. pp.23-44 (met à nu le processus de la reconnaissance ou légitimation/ põe a nu o processo de legitimação de uma obra ao mesmo tempo oral e escrita).

BUECCI, Eugênio. Brasil em tempo de TV. São Paulo, Junkings Ed. Ass., 1996.

BURKE, Kenneth. Literature as equipment for living». In: K. Burke: The philosophy of literary form. New York, Random House, 1957, pp. 293-304.

BURKE, Peter. Popular culture in early Moderne Europe. 2ª ed., Aldershot, 1994.

BURKE, Peter. Variiedades de história cultural. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

BYRD, Don. The poetics of the common knowledge. Albany State, University of New York Press, 1994.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, nº 10, Ariano Suassuna. Instituto Moreira Salles, São Paulo/ Rio de Janeiro, nov. 2000, 200 p. (antes houve números sobre João Cabral de Melo Neto, Raduan Nassar, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Ferreira Gullar, J. Ubaldo Ribeiro, Hilda Hilst, Adélia Prado).

CAMBRON, Micheline & LÜSEBRINCK, Hans-Jürgen. Presse, littérature et espace public. ETUDES FRANÇAISES, 36,3, Université de Montréal, 2000. Numéro spécial : Presse et littérature : la circulation des discours dans l'espace public, pp. 127-145.

CAMBRON, Micheline (dir.). Le journal Le Canadien : littérature, espace public et utopie, 1836-1845. Montréal, Fides, 1999.

CAMILLERI, C et al. Stratégies identitaires. Paris, PUF, 1990.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

CANCLINI, Néstor G. As culturas populares no capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Néstor G. Culturas híbridas : estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo, EDUSP, 1997.

CASTORIADIS, C. L'intuition imaginaire de la société. Nouvelle éd., rev. Et actualisée. Paris, Seuil, 1999. (Coll. Points)

CAUMARTIN, Philippe et ROUET, Albert. L'homme inachevé. Paris, Editions Ouvrières, 1998.

CHAMOISEAU, Patrick. Ecrire en pays dominé. Paris, Gallimard, 1997.

CHARTIER, Anne-Marie & HÉBRARD, Jean. Discours sur la lecture (1800-2000). Paris, Fayard, 2000. (lecture traditionnelle et nouvelles lectures, de la culture héritée aux savoirs partagés, les pratiques de lecture ordinaire, écrans et claviers, modèles de lecture en concurrence...).

CHELEBOURG, Christian. L'imaginaire littéraire : des archétypes à la poétique du sujet. Paris, Nathan, 2000.

CLERC, Jeanne-Marie. Littérature et cinéma. Paris, Nathan, 1993.

CLERC, Jeanne-Marie. Ecrivains et cinéma. Paris, Klincksieck, 1985

CLERC, Jeanne-Marie. Le rapport des images et des mots. RSH (Lille), n° 202, 1986-2, pp. 103-116.

CLERC, Jeanne-Marie. Le cinéma témoin de l'imaginaire dans le roman français contemporain, 1984.

COHN, Gabriel. "A atualidade do conceito de indústria cultural", In: Moreira, A. da Silva (org.), 1998, pp. 11-26.

COLLOMB, Michel. La littérature, art déco. Paris, Méridiens-Klincksieck, 1987.

Colloque Texte et Antitexte. Université de Nice, Publ. de la Faculté de Lettres et du Centre de Narratologie Appliquée, 1985.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

COMPAGNON, Antoine. Le démon de la théorie : littérature et sens commun. Paris, Seuil, 1998 (surtout ch. 7: « La Valeur », la conclusion).

CONINCK, Frédéric de. «La métaphore de l'ouvert et du formé chez Max Weber... »In : Cahiers Internationaux de Sociologie. Vol. CIV, Nouvelle série, 45<sup>e</sup> année, jan-juin/1998. pp. 139-165 (religions émergentes, demande de sens, reconnaissance...)

CONNOR, Steven. Cultura pós-moderna. São Paulo. Loyola. 1993.

CORSE, Sarah M. Nationalisation and litterature. The politics of culture in Canada and the United States. Cambridge, Cambridge University Press, 1997 (“haute” littérature et littérature populaire, les prix et la reconnaissance, les best-sellers, usage littéraire et sens).

COSTA, Lascaux, Jacqueline et al. Pluralisme des cultures et dynamiques identitaires. Paris, L'Harmattan, 2000.

COUEGNAS, Daniel. Introduction à la paralittérature. Paris, Seuil, 1995.

COUTINHO, Carlos Nelson. Cultura e sociedade no Brasil. 2<sup>o</sup> ed., Rio de Janeiro, DP e A Editora, Parte II: Cultura e Sociedade no Brasil, pp. 37-80.

CRANE, Diana. High culture versus popular culture revisited : a reconceptualization of recorded cultures. In: Michèle Lamont and Marcel Fournier (eds.). Cultivating differences: symbolic boundaries and the making of inequalities. Chicago, University of Chicago Press, 1992.

CUCHE, Denys. La notion de culture dans les sciences sociales. Paris, La Découverte, 1996.

CUNHA, Maria Tereza Santos. Armadilhas da sedução : os romances de Delly. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

CULLER, Jonathan. A teoria literária. São Paulo, BECA, 1999 (pp. 27,47, 49-58 ; 111-117).

D'INCAO, Maria Ângela. Sentimentos modernos. São Paulo, Brasiliense, 1995 (visão da literatura urbana, cidade no romance, o privado e o público)





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

DA MATTA, Roberto. A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

DA SILVA, Tomaz Tadeu (org). Identidade e diferença. Petrópolis, Vozes, 2000.

DAVID, Lloyd. Nationalism and the mirror literature. Berkeley, Berkeley University of California Press, 1987.

DEBRAY, Régis. Vie et mort des images. Paris, Gallimard, 1992.

DEBRAY, Régis. Cours de médiologie générale. Paris, Gallimard, 1991.

DE CERTEAU, Michel. A cultura no plural. Campinas, Papyrus, 1993.

DE CERTEAU, Michel. L'invention du quotidien. Paris, Folio/Essais, 1990.

DE CERTEAU, Michel. Rue Descartes/25 : à partir de Michel de Certeau, de nouvelles frontières. Paris, PUF, 1999. (a fronteira, cartografia política, lugar de enunciação e sujeito em psicanálise, cultura ao cotidiano, história e mito ; margem, alhures e alteridade).

DE LA GARDE, Roger et MARTIN, Claude. Si Gutenberg m'était compté. In: Baillargeon, Jean-Paul (dir.). Les pratiques culturelles des québécois. Québec, I.Q.R.C., 1986, pp.45-75.

DE PAULA, Maria Lúcia B. Coelho, "Artes plásticas, fluxo visual globalizado e mudanças na percepção". In: Moreira, A. da Silva, 1998, pp. 27-46 (filmes, tv, recepção, efeito sobre a percepção).

DEGUY, M. et DUPUY, J.-P. (ed.). René Girard et le problème du mal. Paris, Grasset, 1982 (participation de Michel Serres).

DEPREZ, Stanislas. Mircea Eliade: la philosophie du sacré. Paris, L'Harmattan, 1999.

DESCOMBES, Vincent. Il n'y a pas *La Littérature*. TLE, n° 6, 1988, Presse Université de Vincennes, pp. 43-52.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

DICKINSON, Peter. Here is queer: nationalism, sexualities and the literatures of Canada. Toronto, University of Toronto Press, 1998.

DJARDEM, Fafia. Quelle identité dans l'exil ? (origine... exil...rupture...). Paris/Montréal, L'Harmattan, 1997 (de tendance psychanalytique).

DORAIS, Michel. Eloge de la diversité sexuelle. Montréal, VLB, 1999.

DREIFUSS, René Armand. A época das perplexidades. Petrópolis, Vozes, 1996.

DUBOIS, Jacques. L'institution de la littérature. Paris/Bruxelles, Nathan/Labor, 1978.

DUCHET, Claude et VACHON, Stéphane (dir.). La recherche littéraire. Objets et Méthodes. XYZ, 1998. Principalmente 2ª, 5ª, 6ª e 8ª partes.

DURAN, R. H. Morens. De la barbarie a la imaginación. Bogota, Tercer Mundo Editores, 1988.

DURAND, Gilbert. Champs de l'imaginaire. ELLUG/ Université de Grenoble, 1996.

DURAND, Gilbert. Comment la littérature agit-elle ? Actes du Colloque de Reims, mai 1992. Paris, Klincksieck, 1994.

EAGLETON, Terry. A ideologia da estética. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1993 [1990] (Os capítulos 1 e 2 desenvolvem certas teses de Molinié, 1998 sobre estética, corpo, ética; o cap. 8 sobre Marx, o cap. 13 sobre Adorno; o cap. 14 sobre pós-modernismo estão no cerne da pesquisa e constituem junto a Michel Collomb, Molinié, Viala, Sarah Corse, J. B. Thompson, Hoggart e Jameson o essencial para 4 vídeo-conferências).

ECO, Umberto. Sobre o espelho e outros ensaios. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.

ECO, Umberto. O superhomem de massa. São Paulo, Perspectiva, 1998.

ESCARPIT, Robert. L'Écrit et la communication. Paris, PUF, 1973.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ETUDES LITTÉRAIRES, automne 1997, vol. 30, n° 1, Québec, Université Laval : Récit paralittéraire et culture médiatique.

ETUDES LITTÉRAIRES, été 1999, vol. 31, n° 3, Université Laval, Québec : Ethiques et littérature.

EVERAERT-DESMEDT, A. M. Le processus interprétatif. Introduction à la sémiotique de C. S. Peirce. Paris, Mardaga, 1990.

EVARD, Franck. Fait divers et littérature. Paris, Nathan, 1997.

FARIAS, Sônia Ramalho de. Literatura e cultura. Tradição e modernidade. João Pessoa, Editora Idéia, 1997.

FAVRE, Yves-Alain. Saint-John Perse, le langage et le sacré. Paris, Cahiers Internationaux du Symbolisme, n° 27-28, Mons, Ciepham, 1975 : Les avatars contemporains du sacré.

FEATHERSTONE, Mike. O desmanche da cultura. Globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo, Studio Nobel/SESC, 1997.

FELDEN, Marceau. La démocratie au XXIe. siècle. Paris, Lattes, 1996.

FIGUEIREDO, Eurídice. “Canadá multicultural e Brasil mestiço: questões de identidade. Anais III Congresso da ABECAN, UNEB-BA, 1995, pp.43-51.

FISHER, Luis Augusto. Para uma descrição da literatura brasileira do século XX. In: Vescio, L.E. e Santos, Pedro Brum (orgs.) Literatura e História. Bauru, EDUSC, 1999.

FISHWICK, Marshall W. Common culture and the great tradition. The case Renewal. London, Greenwood Press, 1982.

FITCH, Brian T. A l’ombre de la littérature. Montréal, XYZ, 2000. (“Bakhtin et le texte comme acte d’énonciation”, pp. 131-152; “L’Horizon”, pp. 203-221; “Dialogique et problématique”, pp. 223-233.)

FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.) Brasil afro-brasileiro, Belo Horizonte, Autêntica, 2000.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

FONTAINE, David. La poétique. Paris, Nathan, 1993. (sobre Genette, Jakobson, Bakhtin, Todorov).

FORTIN, Nicole. Une littérature inventée. Québec, P.U.Laval, 1994. (Littérature et institution, pp. 315; le discours social et la légitimité du littéraire, pp. 10-11; littérarité, pp.12, 25 ss; québécois, pp.45).

FROTA, Lélia Coelho. Visões do sagrado na arte popular brasileira. In: Luiz Paulo Horta (coord.) Sagrado e profano. Rio de Janeiro, Agir, 1994, pp.87-106 (ler também os textos de Luiz Horta, Arthur Rios, Mario Miranda).

FROW, John. Cultural studies and cultural values. Oxford, Clarendon Press, 1995.

GADOFFRE, Gilles. Du Bellay et le sacré. Paris, Gallimard, 1978. (ch. IV : Structure des mythes).

GATES Jr., Henry Louis. Reading black, reading feminist: a critical anthology. New York, NAL, 1990.

GAUDREAU, A. & GROENSTEEN, T. (dir.). La transécriture. Pour une théorie de l'adaptation. Québec, Nota Bene, 1998 (littérature, cinéma, bande dessinée, théâtre, clip).

GAUTHIER, Mona (dir.). Les voies de la psychanalyse. Paris, L'Harmattan, 1997.

GEERTZ, Clifford. Local knowledge. Basic Books, 1983.

GENETTE, Gérard. Fiction et diction. Paris, Seuil, 1991.

GENETTE, Gérard. Introduction à l'architexte. Paris, Seuil, 1979.

GENETTE, Gérard. Palimpsestes. Paris, Seuil, 1982.

GÉRARD, B.L. La bataille des Ethiques: éthique et modernité, 3. Paris, Erès, 1998.

GINGEMBRE, Gerard. Les grands courants de la critique littéraire. Paris, Seuil, 1996.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

GIRARDI, Giulio. Os excluídos construirão a nova história?. São Paulo, Ática, 1996.

GIRARD, René. La violence et le sacré. Paris, Grasset, 1972.

GIROUX, Henry. Impure acts: the practical politics of cultural studies. London/New York, Routledge, 2000, cap. 5 “Teaching the cultural with Disney”, pp.107-125.

GLISSANT, Edouard. Poétique de la relation. Paris, Gallimard, 1991.

GLISSANT, Edouard. Traité du tout-monde. Paris, Gallimard, 1997.

GOFFMAN, Erving. Les cadres de l’expérience. Paris, Minuit, 1991.

GOMEZ-MORIANA, Antonio et HART, Catherine P. (éds). Parole exclusive, parole exclue, parole transgressive: marginalisation et marginalité dans les pratiques discursives. Montréal, Longueuil, Le Préambule, 1990.

GOLLUT, J-D. & ZUFFREY, Joël. Construire un monde. Paris, Delachaux et Niestlé, 2000, (representação e referentes).

GRISWALD, Wendy. Cultures and societies in a changing world. Thousand Oaks-Ca, Pine Forge Press, 1994.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 4ª ed., Rio de Janeiro, DPeA Editora, 1998.

HEINICH, Nathalie. Ce que l’art fait à la sociologie. Paris, Minuit, 1998.

HERSCHMANN, Micael. Mobilização, ritmo e poesia: o hip-hop como experiência participativa. In. FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.) Brasil afro-brasileiro, Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

HOLUB, Robert C. Reception theory: a critical introduction. New York, Methuen, 1984.

HOGGART, R. La culture du pauvre. Paris, Minuit, 1970.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

IANNI, Octávio. A era do globalismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996. (sobretudo cap. III, A Cidade Global ; IV nação e globalização ; VII : raças e povos ; VIII : a idéia de globalismo).

IMBERT, Patrick. « Critique littéraire, lecture canonique, prise en charge de la différence et exclusion ». In : Yvan G. Lapage et Robert Major (dir.). Croire à l'écriture. Etudes de littérature québécoise en hommage à Jean-Louis Major. Orléans (Ont.). Les Editions David, 2000, pp.177-194.

INDURSKY, Freda & CAMPOS, Maria do Carmo (orgs.). Discurso, memória, identidade. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 2000.

IRIS, REVUE DU Centre de Recherche sur l'Imaginaire – Université de Grenoble III, 1996, n° 16, L'OEIL (avec les contributions de Simone Vierne, André Siganos, Frédéric Monneyron, Arlette Chemain de l'Université de Nice.)

JACQUINS, G. Et de VIELLE, Christophe (éds.). Le comparatisme dans les sciences de l'homme. Bruxelles, De Boeck Université, 2000.

JAMESON, F. et al. Nationalism, colonialism and literature. Minneapolis, Minnesota University Press, 1990.

JAMESON, Fredric. Pós-modernismo. A lógica do capitalismo tardio. Sao Paulo, Ática, 1996 [1991].

JAMESON, Fredric. « Réification et utopie dans la culture de masse ». Traduction de Mireille Daoust et Kathy Sabo, in : Etudes Françaises, 19/3 : Sociologies de la littérature, Montréal, 1984, pp. 121-138.

JAUSS, H. R. L'herméneutique littéraire. Paris, Gallimard, 1975.

JEUDY, Henri-Pierre. Les ruses de la communication. Paris, Plon, 1989 (espace public, le sujet, les médias, etc).

JOACHIM, Sébastien. Le sacré au coeur du profane... Colloque Gilbert Cesbron, Presses de l'Université d'Angers, 1994, pp.263-274.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

JOACHIM, Sébastien. A importância das literaturas marginais, in : Cadernos Populares, ano 11, nº 8, dez.1996, pp. 2-10.

JORRO, Anne. Le lecteur interprète. Paris, PUF, 1999.

JOSEPH, Isaac. Microsociologie de Erwing Goffman. Paris, PUF, 1998, (rituais de interação).

JOUVE, Vincent. La lecture. Paris, Hachette, 1993. (ch. 6 : L'impact de la lecture).

JOUVE, Vincent. La littérature selon Barthes. Paris, Minuit, 1996.

Justice et Paix. Maîtriser la mondialisation. Introduction de Mgr. Delaporte. Paris, Centurion/CERF/Bayard/Mame, 1999 (cap. 4 e 5 Anciens et Nouveaux repères, nouvelle liberté)

JOVCHELOVITCH, Sandra. Representações sociais e esfera pública. Petrópolis, Vozes, 2000.

KEHL, Maria Rita. Função Fraternal. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000, (cf. Legitimidade...)

KIBEDI VARGA, Aron. Les constantes du poème. Paris, Picard, 1977 (l'étrangeté, rapports poétiques, pp. 20-29 ; les conceptions de la poésie, pp. 250-270).

KORTHALS, Altes, Henriette. Harry Potter, phénomène mondial (enquête). Revue LIRE. Paris, septembre, 2000, pp. 19-16. Autre phénomène à interroger après le phénomène Paulo Coelho: 42 prix littéraires, 35 millions d'exemplaires vendus en 140 pays).

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. São Paulo, Paz e Terra, 1995 (IV: "Práxis e Totalidade", sobretudo, pp. 236-248).

KOTHE, Flávio René. Cânone colonial. Brasília, UnB, 1997 (cap. 3: Identidade e dependência; cap. 4: Cânone e valor).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

KOTHE, Flávio René. O cânone imperial. Brasília, UnB, 2000 (cap. 3: Ideologia do Cânone; cap. 14: Machado e o negro; cap. 15: O discurso e a supressão do outro).

LADMIRAL, J-R. et LIPIANSKI, E-M. La communication interculturelle. Paris, A. Colin, 1989.

LAFARGE, Claude. La valeur littéraire :figuration littéraire et usages sociaux des fictions. Paris, Fayard, 1983.

LAHIRE, Bernard. L'homme pluriel. Paris, Nathan 1998. (l'acteur pluriel, mémoire incorporée et mémoire objectivée, révision de Bourdieu, langage et formes de vie sociale, l'objectivité du subjectif, champs de pertinence dans la recherche sociale).

LANDOW, George P. Images of crisis. Literary iconology, 1750 to the present. London, Routledge and Kegan Paul, 1982.

LAPLANTINE, François et al. Récit et connaissance. Lyon, P.U.Lyon, 1998.

LASSAVE, Pierre. «Retours sur les liens entre sciences sociales et littérature ». In : Cahiers Internationaux de sociologie. Vol. CIV, Nouvelle série, 45<sup>e</sup> année, ajn.-juin/1998, pp.167-182 (littérarité, la gravitation littéraire...).

LE MONDE DES DÉBATS – Juillet-Août 2000, Supplément/Littérature : La littérature dans tous ses courants. Particulièrement, l'entrevue de Daniel Pennac, où sont définies avec nuance : la littérature stricto sensu, littérature populaire, industrie culturelle, best-sellers. (XV-XVI).

LE MONDE DES DÉBATS – Juillet-Août 2000. Section « Médias ». entretien de Philippe Lafait et Cyril Lemieux : Les journalistes, l'audimat et la démocratie. Pp. 23-24.

LEBRUN, Chantal. «le sujet créateur du futur : de l'in-sensé au sens, ou la naissance du sujet». In. Futuribles, octobre 1998, n° 235, pp.5-26 (psychanalytique).





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

LEMAIRE, Paul-Marcel. Communication et culture. Québec, Presses de l'Université Laval, 1989.

LEMIRE, Maurice (dir.). L'institution littéraire. Québec, Institut Québécois de Recherche sur la Culture/ CRELIQ, 1986 (Institution française et québécoise au XIXe siècle, champ, l'envers de l'institution, théorie, avant-garde).

LEONARD, Albert. La crise du concept de littérature en France et au XXe siècle. Paris, Corti, 1974.

LEVINE, Lawrence W. Highbrow/lowbrow: the emergence of cultural hierarchy in America, Cambridge Mass., Harvard University Press, 1988.

LÉVY, Pierre. L'Intelligence collective. Paris, La Découverte, 1995.

LOBO, Luiza et al. A poética da cidade. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1999 (2 artigos sobre o Cânone literário / 2 textes sur le cânon littéraire signés respectivement : Artur Emílio dos Santos, José Nunes de Oliveira Filho, pp. 71-92)

LOPES, Silvina Rodrigues. A legitimação em literatura. Lisboa, Cosmos, 1992.

LYOTARD, Jean-François. L'inhumain. Paris, Galilée, 1988.

MAFFESOLI, Michel (dir.). La galaxie de l'imaginaire. Paris, Berg, 1980.

MAFFESOLI, Michel. La connaissance ordinaire. Paris, Méridiens, 1985.

MAFFESOLI, Michel. La conquête du présent. Paris, PUF, 1978.

MAFFESOLI, Michel. Au creux des apparences. Pour éthiques de l'esthétique. Paris, POCHÉ-“Essais”, 1993.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles”. In: Alberto da Silva Moreira (org.), 1998, pp. 56-78.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. « Apresentação »+ « Quando o campo é a cidade ». In : José Guilherme C. Magnani e Lilian Lucca Torres (orgs.). Na metrópole. São Paulo, EDUSP/ FAPESP, 1996, pp.9-53.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

MAINGUENEAU, D. O contexto da obra literária. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. Analyser les textes de communication. Paris, Dunod, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. Le contexte de l'oeuvre littéraire. Paris, Dunod, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. Pragmática para o discurso literário. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

MARINO, Adrian. L'herméneutique de Mircea Eliade. Paris, Gallimard, 1981.

MARQUES, Oswaldino. « Jornalismo e literatura : fronteira e autonomia » in : Acoplagem no espaço. São Paulo, Perspectiva, 1989, pp. 35-66.

MARTINS, Leda Maria. A oralidade da memória. In FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). Brasil Afro-brasileiro. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

MATOS, Cláudia Neiva. « Popular ». In : José Luis Jobim (org.) Palavras da crítica. Rio de Janeiro, Imago, 1992, pp. 307 e ss.

MATTELART, Armand. La mondialisation de la communication. Paris, PUF, 1996.

MIÈGE, Bernard. La société conquise par le communication. Grenoble, PUG, 1989.

MIÈGE, Bernard. Les logiques à l'épreuve dans les nouvelles industries culturelles. Cahiers de Recherche sociologique, n° 2, Département de Sociologie de l'UQAM, Montréal, 1986, pp. 93-109.

MIGOZZI, Jacques (org.) Le roman populaire en question. Limoges, PULIM, 1997.

MIGOZZI, Jacques (org.) De l'écrit à l'écran. Limoges, PULIM, 2000 (sous-titre : Littératures populaires : mutations génériques, mutations médiatiques), 870 pages. En plus de la magistrale introduction de J. Migozzi, le livre offre la



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

matière d'une réhabilitation de la culture populaire, du Best-seller et de l'industrie culturelle dans 5 partes :

1. Emergences de la culture médiatique (Le Mollier, Ferreira, Tison, ...),
2. Vecteurs de la dissémination : supports et genres (Bleton, Benassi, Samoyault, Arnoldi-Coco, Batista, Nguyễn-Duy, Chamberland, Masuy, Millot).
3. De l'écrit à l'image (Grivel, Péguignot, Charrier, Ty, Astic, Filteau).
4. Héros et Personnages transmédiatiques (Alavoine, Milliard, Jarrot...)
5. Schème, Topoi, Icônes (Pignier, Borelli, Dumasy-Quelfélec, Chalvon-Demersay).

MILANO, Marie-Hélène. « L'iconisation du verbal », in : Dominique Desmarchellier et Bruno Scaramuzzino et al, La danse des signes. Paris, Hatier/LEC, 1999, pp.79-106.

MILOT, Louise & ROY, Fernand (eds.). La littérature. Québec, Presses de l'Université Laval, 1991.

MINGUET, Philippe. Sens et contresens de l'art. Bruxelles, De Boeck Université, 1992. Préface de Gianni Vattimo. (aperçu sur la littérature, l'oeuvre comme symbole, le statut esthétique de la reproduction, les conditions d'une esthétique ouverte).

MIRANDA, Wander Melo (org.) Narrativas da modernidade. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

MISRAHI, Robert. Qui est l'autre ?. Paris, Armand Colin, 1999.

MOLINIÉ, G. & VIALA, Alain. Approches de la réception. Paris, PUF, 1989.

MOLINIÉ, G. Sémiostylistique. Paris, PUF, 1998.

MONTEIRO, Paulo F. Emigração ; o eterno retorno. Oeiras, Celia Ed., 1994.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

MOREIRA, Alberto da Silva. « A civilização de mercado ; um desafio radical às igrejas ». In : Alberto da Silva Moreira (org.) Sociedade global : cultura e religião. Petrópolis, Vozes, 1998 (pp. 134-164).

MOURA, Jean-Marc. L'Europe littéraire et l'ailleurs. Paris, PUF, 1998.

MOURA, Jean-Marc. Littératures francophones et théorie postcoloniale. Paris, PUF, 1999 (lusofonia e francofonia, princípios de análise da pós-colonialidade, estética da resistência, campo literário, cenário pós-colonial, hibridade).

MOURALIS, Bernard. As Contra-literaturas. Coimbra, 1982.

MUCCHIELLI, Alex. L'identité. Paris, PUF, 1994.

NICOLESCU, Basarab. O manifesto da transdisciplinaridade. São Paulo, Triom, 1999 (original français, 1996).

NIELSEN, Greg marc. L'éthique de la communication chez Bakhtin et Habermas, tradition et universalisme. In : Ouellet et Bariteau, 1994, pp. 203-213.

NOVAES, Adauto et al. Rede imaginária. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

OLSON, David R. e TORRANCE, Nancy. Cultura escrita e Oralidade. São Paulo, Ática, 1995.

ORSINI, Christine. La pensée de René Girard. Paris, Retz, 1986 (Le désir triangulaire, la violence et le sacré, la mort de toutes les cultures, le scandale, l'ambivalence de la rareté, la question de la méconnaissance, l'expérience esthétique).

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. 4ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura, 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1994. (passim : a desterritorialização da cultura e o abatimento das fronteiras principalmente, no cap. IV « Uma cultura internacional-popular » ; lugar x espaço desterritorializado ; nas pp. 211-215 ; redefinição das hierarquias de gosto e de valores da Tradição)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

OTTO, Rudolph. Le sacré. Paris, Payot, 1995.

OUELLET, Pierre. La perception discursive. In: Bourassa, Lucie. La discursivité. Québec, Nuit Blanche, 1995, pp. 33-67 (o resto do livro, — a semiótica e literariedade, paraliteratura, semio-estilística, a biografia,— não é menos importante).

OUELLETE, Françoise-Romaine et BARITEAU, Claude (dir.). Entre Tradition et universalisme. Québec, IQRC, 1994.

PAES, José Paulo. «Por uma literatura de entretenimento». In: A aventura literária, do mesmo autor, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pp.11-24.

PARÉ, François. Les Littératures de l'exiguité. Ottawa/Hearst, Le Nordir, 1994.

PARÉ, François. Théories de la fragilité. Ottawa/ Hearst, Le Nordir, 1994.

PARRET, Herman. A estética da comunicação. Campinas, Unicamp, 1995.

PEDROSA, Celina. “Nacionalismo literário”, in: José Luis Jobim (org.) Palavras da crítica. Rio de Janeiro, Imago, 1992, pp. 277-306.

PEIXOTO Jr., Carlos Augusto. Metamorfoses entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder et al. Linguagens da violência. Rio de Janeiro, Rocco, 2000 (violência urbana, sujeito político, práticas discursivas, manifestações públicas, literatura).

PERRONE-MOISÉS, Leila. Altas literaturas. São Paulo, Cia. das Letras, 1998. (secteur. Literatura na era da globalização).

PICARD, Michel (éd.) Comment la littérature agit-elle ? Ates du Colloque de Reims, mai 1992. Paris, Klincksieck, 1994.

PIERRE, Jacques. Mircea Eliade, le jour, la nuit. Montréal, H



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

PIERROT, Alain. “Pluralisme culturel et éducation”. In: Raison présente. 122, 2º trimestre, 1997, Paris, pp. 33-61. Aide pour lire les Séminaires II e XI de Lacan).

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciladas da diferença. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1999.

PLOUVIER, Paule. Poétique de l’amour chez André Breton. Paris, Corti. 1983 (Excellent pour analyser le désir et les effets d’inconscient dans les textes, surtout pp. 100-133).

POERNER, Arthur José. Identidade cultural na era da globalização: política federal de cultura no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Revan, 1977.

POPOVIC, Pierre. « Littérature et sociocritique au Québec », In : Louise Milot & François Dumont. Pour un bilan prospectif de la recherche en littérature québécoise. Québec, Nuit Blanche, 1993. pp. 207-239. (Excellentes mises au point sur le discours social, le champ littéraire, la littérarité, l’Institution littéraire, la notion « d’hégémonie discursive » de Marc Angenot). Dans la même livraison ; le déplacement des horizons d’attente, par Jacques Michon, pp. 189-199.

PORTO, Maria Bernadette (org.) Fronteiras, passagens, paisagens na literatura canadense. Niterói, EDUFF/ABECAN, 2000. (principalmente cap. 3, M.B. Porto, “Migrações no espaço quebecquense”; cap. 4, E. Figueiredo, “Paisagens brasileiras na Literatura do Québec”; cap. 5, Zilà Bernd, “Um passeio pelas Américas”).

PRATT, Mary Louise. Pós-colonialidade: projeto incompleto ou irrelevante. In: Vécio, L.E. e Santos, Pedro Brum (orgs.) Literatura e História. Bauru, EDUSC, 1999.

PRUNER, Francis. L’ésotérisme de Saint John Perse (dans Anabase). Paris, Klincksieck, 1977.

QUINTERO-RIVERA, Mareia. A cor e o som da nação. São Paulo, Anna Blume, 2000.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

RACZIMOW, Henri. La mort du grand écrivain. Essai sur la fin de la littérature. Paris, Stock, 1994.

RELIGIOLOGIQUES, n° 5, printemps 1992, Montréal : Littérature et sacré. 280 p. (Articles de Sébastien Joachim, Robert Verreault)

Revue Discours Social/ Social Discourse. Vol. 8, 1-2, Hiver-printemps, 1996. Le discours de l'histoire et le passé enveloppé. Dir.: Caroline Désy et Jocelyn Létourneau (du CELAT, Université Laval).

Revista Sociétés. Technocommunités, n.º 59, 1998, De Boeck.

Revue CRILJ, du Centre de Recherche : Information littérature jeunesse (RILJ), n° 65, Paris, Juin 1999, pp. 16-22 : Les adultes immigrés.

Revue d'Esthétique, nouvelle série, n° 1, 1981 – Walter Benjamin. Toulouse, Privat, 1981.

Revue des Sciences Humaines, 1983—1, n° 189 : Le texte et ses réceptions.

Revue Esprit: Les reality shows, un nouvel âge télévisuel? Paris, janvier, 1993.

Revue Française de Psychanalyse. Différences culturelles. 3, Paris, PUF, 1993.

Revue Littérature, n° 42, mai 1981 : L'Institution Littéraire I.

Revue Littérature, n° 44, décembre 1981 : L'Institution Littéraire II.

Revue Littérature, n° 70, mai 1988 : « Médiations du social » (Presque tout le numéro est à lire. Articles de Jacques Dubois- Pascal Durand, Claude Grignon, Rémy Ponton, Alain Viala, Jacques Lenhardt, Marc Angenot, Régine Robin).

Revue Protée, vol. 22, n° 1, 1994 : Représentations de l'autre.

RIGAMONTE, Rosani Cristina. « Severinos, Januárias e Raimundos. Notas de uma pesquisa sobre os migrantes nordestinos em São Paulo ». In : José Guilherme C. Magnani e Lilian de Lucca Torres (orgs.) Na metrópole. Textos de antropologia urbana. São Paulo, EDUSP/ FAPESP, 1996, pp. 230-251.

ROBIN, Régine. « Pour une socio-poétique de l'imaginaire social », dans : *Discours social/ Social discourse*, vol. V, 1-2 (1993) : pp. 7-32.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ROUXEL, Anne. Enseigner la lecture littéraire. Paris, P.U.Rennes, 1996 (surtout, le ch. 2 et 8).

RUANO-BORBALAN (dir.). L'identité. Paris, Sociales, 1997. (cf. Principalement : Carmilleri, Lipianski pour la question du soi ; Citron, Lévy, Noiriel, à propos du National)

RUSTIN, Michel. A boa sociedade e o mundo Internacional.psicanaálise, política e cultura. Rio de Janeiro, Imago, 2000 (original britânico :1991)

SAINT-JACQUES, Denis & De LA GARDE, Roger (dir.). Les pratiques culturelles de grande consommation : le marche francophone. Québec, Nuit Blanche Editeur, 1992.

SAINT-JACQUES, Denis et al. Que vaut la littérature. Québec, Nota Bene, 2000.

SAINT-JACQUES, Denis. Les pratiques littéraires des acteurs sociaux. In: Duchet, Claude et Vachon, Stéphane (dir.). La recherche littéraire. XYZ, 1998, pp. 86-97.

SANTAELLA, Lúcia. (Arte) & (Cultura). Equívocos do elitismo. São Paulo, Cortez, 1982.

SANTIAGO, Silviano. « Alfabetização leitura e sociedade de massa». In: NOVAES, Adauto. Rede Imaginário. São Paulo, Cia. Das Letras, 1991, pp.146-152.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura?. São Paulo, Brasiliense, 1996.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro, Record, 2000 (a esquizofrenia do espaço, o lugar, o cotidiano, o território, cultura popular, cultura de massas, mutação...)

SCHNAPPER, Dominique. La relation à l'autre. Au coeur de la pensée sociologique. Paris, Gallimard, 1998.

SCLIAR, Moacyr & SOUZA, Márcio. Entre Moisés e Macunaíma ; os judeus que descobriram o Brasil. Rio de Janeiro, Garamond, 2000.





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SERRES, Michel. Filosofia mestiça : o terceiro instruído. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. Virando séculos : a corrida para o século XXI. São Paulo, Companhia das Letras, 2001 (arte erudita, e arte popular + revoluções tecnológicas e globalização ; percepções e mente + metrópoles).

SHUSTERMAN, Richard. Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo, Editora 34, 1998.

SIGANOS, André. Mythe et écriture : la nostalgie de l'archaïque. Paris, PUF, 1999.

SILVERMAN, Malcom. Protesto e o novo romance brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

SMITH, Bárbara Hernstein. "Contingencies of value". Critical Inquiry, 10: 1-35, 1983.

SOARES, Luiz Eduardo. O rigor da indisciplina. Ensaios de Antropologia Interpretativa. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994. Parte III, «Religioso por natureza:cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil», e mais dois outros ensaios, pp. 189-271.

SOCIÉTÉS, revue des Sciences Humaines et Sociales dirigée par Michel Maffesoli, n° 61, 1998/3 : La différenciation ; n° 62, 1998/4 : Sociologie et littérature ; n° 63, 1991/1 : L'imaginaire. (Avec les contributions de l'équipe du Centre d'Etudes sur l'Actuel et le Quotidien – CEAQ : André Akoun, Juremir Machado do Silva, Frederico Casalegno, Patrick Watier, Edgar Morin, Michel Maffesoli).

SODRÉ, Muniz. "Álbum de família". In. NOVAES, Adauto. Rede Imaginário. São Paulo, Cia. Das Letras, 1991, pp. 222-228.

SODRÉ, Muniz. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1999.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a cultura. Petrópolis, Vozes, 1996.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SODRÉ, Muniz. Teoria da literatura de massa. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.

SOUSA, Edson Luiz André de (org.). Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1999. (Psicanálise e identidade nacional no Brasil, lien social (laço social, literatura e identidade, memória, a violência).

SOUZA, Lícia Soares de. “Formas e expressões da teleficção quebecquense”. In: Anais do III Congresso de Estudos Canadenses: laços de Cooperação Brasil-Canadá, UNEB-BA, 1995, pp. 53-64.

SOUZA, MAURO Wilton de. (org.) Sujeito, lado oculto do receptor. São Paulo, ECO-USP/Brasiliense, 1995. (Artes mediáticas, imaginário, interpretação, nova sensibilidade, o cotidiano, a comunicação).

SUASSUNA, Ariano. Auto da compadecida. Rio de Janeiro, Agir Ed., 1999. (+ adaptação para a mídia/adaptation à l'écran).

TEIXEIRA COELHO, J. Guerras culturais. São Paulo, Iluminuras, 1999.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade. Uma teoria social na mídia. Petrópolis, Vozes, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. A música popular no romance brasileiro. 2 vol., São Paulo, Editora 34, 2000.

TODOROV, T. A vida em comum. Campinas, Papirus, 1996.

TODOROV, T. La notion de littérature et autres essais. Paris, Seuil, 1987.

TODOROV, T. Mikhaïl Bakhtine, le principe dialogique suivi de: Ecrits du Cercle de Bakhtine. Paris, Seuil, 1981.

TOLEDO FRANCISCO, Crislaine Valéria de. «A renovação carismática católica: um novo jeito (conservador) de ser Igreja». Dossiê USP- Direitos Humanos no limiar do século XXI, março/abril/maio, 1998, nº 37, pp. 232-236.

TREMBLAY, Francis. La fiction em question. Montréal, Balzac/Le Griot, 1999 (contestação do valor de comunicação, defesa do poder mimético e da



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

reinvenção via memória principalmente ; ficção e realidade, espaço tricotômico da ficção, o qual acolhe os contrários sem abolir as oposições ; função semântica, imaginária e utópica ; contestação da abordagem filosófica, p.101 ; saberes, questionamento e utopia na literatura, pp. 123-124).

TRINDADE LIMA, Nísia. Um sertão chamado Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Revan, 1999, (Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional; nacionalidade; cultura rústica, messianismo; fronteira e homem fronteira).

TSCHUMI, Raymond. A la recherche du sens. Lausanne, L'Âge d'Homme, 1992.

VAN DEN HEUVEL, P. Parole, mot, silence. Paris, Corti, 1985. VELOSO, Mariza & MADEIRA, Angélica. Leituras brasileiras. Itinerários no pensamento social e na literatura. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

VARELA, Maria Helena. Heterologos em língua portuguesa. Rio de Janeiro, O Espaço-Tempo, 1996.

VIALA, Alain. Naissance de l'écrivain. Paris, Minuit, 1985.

VON HALLBERG, Robert (ed.). Canons. University of Chicago Press, 1984.

VUILLEMIN, Alain et LENOBLE, Michel (dir.). Littérature, informatique, lecture. Limoges, Pullim, 1999 (cf. Le texte de Vuillemin et le texte de Gillot sur l'écrilecture, pp. 101-110; 172-186).

WEIL, Michèle. "Un thesaurus informatise pour la topique romanesque. Le projet de la Sator. In: FERRAND, Nathalie (dir.) Banque de données er hypertexte pour l'étude du roman. Paris, PUF, 1997.

WIEVIORKA, Michel et al. Une société fragmentée? (Le Multiculturalisme en débat). Paris, La Découverte, 1998.

WIEVIORKA, Michel. « Jeffrey Alexander, critique de Pierre Bourdieu ». In : Le monde des débats. Juillet-Août 2000, pp. 26 (Alexander confirme notre impression sur la réticence de Bourdieu, par refus ou incapacité, en ce qui concerne la construction d'une théorie d'un champ littéraire démocratique).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ZAIDAN FILHO, Michel. A crise da razão histórica. Campinas:Papirus,  
1989.